

Ópio - A Droga dos Sonhos

Cinara Vasconcelos da Silva¹ e Eudes da Silva Velozo²

1. Laboratório de Pesquisa em Matéria Médica - LAPEMM
2. Faculdade de Farmácia - Universidade Federal da Bahia (UFBA)



“Ao procurar sua filha desaparecida - Perséfone - a deusa Deméter passou por uma cidade chamada Mecone, a cidade das papoulas. Em seus campos, ela colheu flores e, cortando um fruto imaturo dessa planta, provou seu exsudato, esquecendo-se de todas as suas preocupações”.

Tão antiga quanto o homem, é sua busca pela felicidade, mesmo que seja obtida por um breve período. Talvez por isto, a primeira droga a ser descoberta tenha sido o ópio (do grego *opion* = suco de *Papaver*). Desde o período neolítico, ela já era utilizada para o alívio de dores e em cerimônias religiosas, alternando seu uso entre o tratamento de doenças e o alcance do “mundo de

ilusões” ou do “paraíso”.

Viajando pelo mundo antigo, encontram-se relatos do uso do ópio em praticamente todas as civilizações conhecidas: egípcios, mesopotâmicos, persas, gregos e romanos. Foi primeiramente encontrado na tumba de Chá do Egito e datada do século XV a.C. Nos papiros descobertos por Ebers, o ópio era componente básico em cerca de 700 remédios, a exemplo de um paregórico prescrito para acalmar crianças.

Na civilização grega, o ópio era utilizado pelas iniciadas ao culto de Deméter em seus ritos para esquecer a tristeza com a chegada do final do o fim do ano, através de um curto sono induzido pela droga, que simbolizava a passagem do inverno antes do rejuvenescimento da primavera. Além disso, era usado pelos soldados gregos, em solução com álcool, para banir o medo, tranqüilizar e dar coragem aos guerreiros durante as batalhas.

Largamente conhecido dos grandes médicos gregos, a exemplo de Hipócrates e Galeno, que fez um estudo sobre os efeitos tóxicos da droga e definiu o conceito de tolerância, o ópio era recomendado para a cura da epilepsia, bronquite, asma, pedra nos rins, febre, melancolia e como sedativo, tranqüilizante e também ministrado como remédio para disenteria, diarreia, gota, diabetes, tétano, insanidade e até ninfomania.

Ao contrário de outros povos, que utilizavam o ópio apenas como analgésico ou durante as cerimônias religiosas, os romanos viam na papoula um poderoso símbolo de sono e morte, pois eles consideravam-na uma arma, utilizada em suicídios e assassinatos. Em 183 a.C., Aníbal suicidou-se ao ingerir uma dose de ópio contida em seu anel. Anos mais tarde, Agripina, a última mulher do imperador Cláudio, assassinou seu enteado com a droga para que Nero assumisse o império.

Avançando para a Idade Média, onde a medicina era baseada em adivinhações e as receitas mais pareciam fórmulas mágicas, o ópio era a base principal dos medicamentos para aliviar a dor. Abu Ali al Hussein Abdallah Ibn Sina - o Avicena - considerado o maior médico deste período, descrevia em seu livro, "Canon of Medicine", remédios que misturavam o ópio com nozes, eufórbia e alcaçuz. A despeito de seu conhecimento da medicina e das proibições do álcool pelo Alcorão, Avicena morreu por uma overdose de ópio misturado com vinho.

Cinco séculos depois de Avicena, surgiu Paracelso - um alquimista que renegou os ensinamentos de seus antecessores e considerou o ópio como o “elixir da vida” ou ainda, o “marco da imortalidade”.

Durante o século XIX, o uso do ópio era tão comum quanto o da aspirina ou do paracetamol atualmente. Na Grã-Bretanha, entre 1831 e 1859, o consumo aumentava cerca de 2,4% ao ano. Para se ter uma idéia, a importação da droga em 1830 era de 40 toneladas, elevando-se para 127 toneladas em 1860, sendo que desses, mais de 34 toneladas foram reexportados para a América.

Sempre alternando-se entre medicamento e droga de abuso, o ópio inspirou muitas obras-primas, assim como foi responsável por inúmeras mortes. O ópio foi a única droga a ser motivo declarado para uma guerra. Em 1839, o imperador chinês Ch'ung Ch'en proibiu o consumo da droga, produzida pela Inglaterra, em seu território, levando a um conflito de três anos com este país, conhecido como a Guerra do Ópio. A guerra terminou com a vitória dos ingleses, que obrigaram a China a liberar a importação da droga e a pagar indenização pelo ópio confiscado e destruído em todos esses anos, além de ceder-lhes a cidade de Hong Kong. Como resultado, em 1900, metade da população adulta masculina da China estava viciada em ópio.



Figura 1 - Cena da Guerra do Ópio

O ópio reduz a capacidade de trabalho e provoca enfraquecimento físico. O farmacodependente fica indolente e sem ambição; magro, fraco, não tem mais desejo sexual. A droga acarreta ainda tolerância e, através desta, desenvolve a dependência física: o indivíduo precisa tomar a droga sempre, aumentando progressivamente as doses; a interrupção ou abstenção produz tremores, vômitos, diarreia, dores por todo o corpo, delírio, excitação e colapso, sintomas da “síndrome de abstinência”. Em 1891, o famoso poeta francês Baudelaire escreveu em seu ensaio sobre o ópio - incluso em um livro denominado Paraísos Artificiais - que o mesmo “induz à clareza mental, aguça as potencialidades da índole, estimula o sonho e suscita a abundância de imagens e fantasias elevadas; apenas seu uso contínuo é responsável pela perda do controle do processo imaginativo e da capacidade de trabalhar”.

Ainda no século XIX, foi extraída pelo francês Armand Seguin, a principal substância ativa do ópio: a morfina (nome grego derivado de Morfeus - deus do sono); mais tarde, esta foi estudada pelo farmacêutico alemão Friedrich Sertürner, tornando-se o primeiro composto ativo extraído de um vegetal e iniciando-se daí os estudos e pesquisas para isolar os componentes ativos das plantas. Apesar disso, a estrutura química da morfina somente foi elucidada 164 anos mais tarde, através de estudos de cristalografia de Raios-X. Outros alcalóides isoquinolínicos da papoula como a codeína, a tebaína e a papaverina foram descobertos a seguir e a morfina

passou então a disputar com o ópio o espaço na medicina e no vício das pessoas.

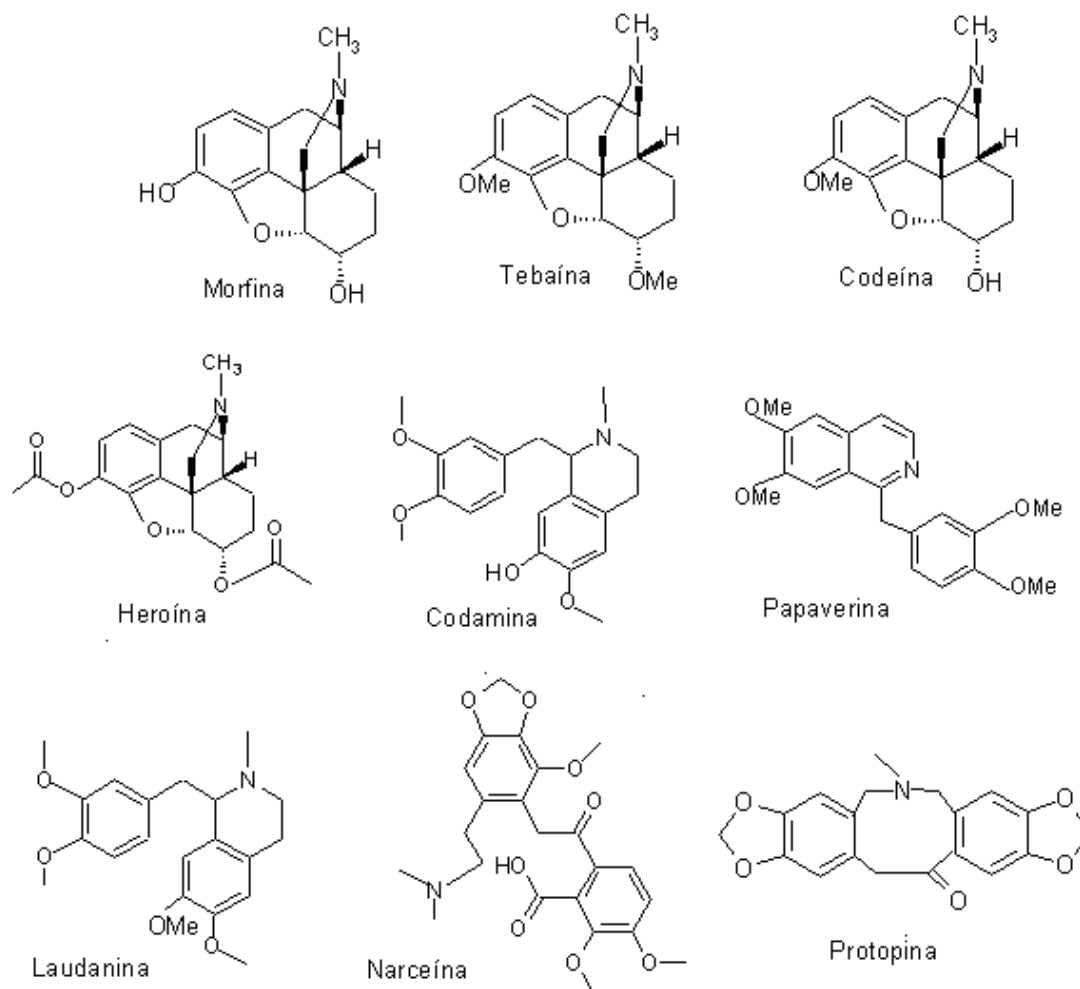


Figura 2 - Alguns alcalóides.

No ano de 1874, o farmacêutico inglês Alder Wright, à procura de uma alternativa tão poderosa quanto a morfina, mas sem a inconveniente dependência provocada por ela, aqueceu-a com anidrido acético até a ebulição, criando a diacetilmorfina - mais conhecida como heroína. A heroína é considerada como um dos melhores analgésicos conhecidos. Seu nome foi uma homenagem ao seu heroísmo no combate a dor. Entrou no mercado em 1898 e, cinco anos depois, foi retirada de circulação devido à sua capacidade de causar dependência.

Até 1920, o ópio e seus derivados foram utilizados livremente. Em vista do uso abusivo destes e do saldo de farmacodependentes da Primeira Grande Guerra, eles foram proibidos em diversos países e as convenções internacionais de 1925 e 1931 recomendaram uma série de medidas restritivas à fabricação e exportação da heroína.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a produção de ópio voltou a se expandir e as refinarias de heroína se multiplicaram em Hong Kong (Sudeste Asiático) e Marselha (França). A heroína passou então a ser contrabandeada pelas quadrilhas internacionais e vendida no mercado negro do mundo ocidental, sobretudo nos Estados Unidos. Neste país, até 1950, o uso de heroína limitava-se a guetos de latinos e negros. Por volta de 1965, a droga heróica tornou-se uma epidemia, espalhando-se também pela classe média, mais especificamente entre os jovens de 15 a 24 anos. A cultura do "tudo permitido", do amor livre, de drogas e do "rock'n roll" promoveu a experimentação: a frase da moda era "be cool". Entre 1960 e 1970, o número de usuários de heroína passou de 50.000 para 500.000.



Esta nova juventude buscava ídolos e os encontrou em personalidades esportivas, ativistas políticos e pop-stars, mas para muitos do meio acadêmico, o herói era um escritor - Jack Kerouac. Ele revolucionou a literatura americana incluindo em suas poesias e histórias o submundo do crime e o uso de heroína e morfina; seu caráter inovador surgiu sob efeito das drogas e do álcool, influenciando os jovens e criando uma nova cultura, onde as drogas eram aceitáveis.

Em 1971, o presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, iniciou uma campanha ofensiva contra os traficantes e produtores de opiáceos. Segundo ele, o problema tinha assumido a dimensão de uma emergência nacional e, se não fosse destruída a ameaça das drogas, elas seriam a destruição do país. Figuras famosas participaram da cruzada contra as drogas, incluindo o cantor de rock Elvis Presley - talvez o mais conhecido "junkie" (usuário de drogas) americano.

Um grande número dos frutos da geração paz e amor foram usuários de heroína, mas conseguiram livrar-se dela, como por exemplo os vocalistas Eric Clapton e Boy George e o guitarrista do conjunto de rock Rolling Stones, Keith Richards. Outros usuários da droga não tiveram a mesma sorte, como a cantora Janis Joplin, vitimada por overdose em 1970, e mais recentemente, em 1994, Kurt Cobain, outro roqueiro, vocalista e líder do grupo Nirvana, que suicidou-se com uma arma sob influência da heroína.

Atualmente, o ópio é ainda usado em pequena quantidade na medicina para o tratamento de pacientes com câncer de estômago e como antiperistáltico, sob forma de Elixir Paregórico ou tintura de ópio, ambos vendidos apenas por prescrição médica e que inclusive constava na Farmacopéia Brasileira. Com a introdução dos narcóticos sintéticos e outras drogas analgésicas, a aplicação da morfina na terapia foi diminuindo, embora ainda seja considerada um protótipo de droga narcótica. Apesar de restrita a utilização dos opiáceos no mundo e da constante guerra contra o narcotráfico, o comércio global destas drogas movimenta cerca de US\$ 750 bilhões/ano e é um problema que está longe de ser sanado.

Pesquisas recentes indicam que os opiáceos podem causar mudanças bioquímicas permanentes a nível molecular, fazendo com que o ex-viciado se mantenha predisposto a retornar ao vício mesmo após anos de privação do uso.



Origem do Ópio - Numa família com 28 gêneros de papoula e 250 espécies, apenas 2 delas contêm uma quantidade razoável de ópio: *Papaver bracteatum* e *P. somniferum*. Esta última, originária da Ásia Menor, é cultivada na Turquia, Irã, Índia, China, Líbano, Grécia, Iugoslávia, Bulgária e sudoeste da Ásia, incluindo o Afeganistão, onde se localiza o famoso Triângulo Dourado. Possui uma flor de delicada e simples beleza.

O ópio é produzido a partir da resina extraída artesanalmente das cápsulas de sementes do fruto imaturo de papoula, que depois

de seco, resulta numa pasta amarronzada, que então é fervida para se transformar em ópio.

Cerca de 20% de sua composição química é de alcalóides classificados em dois grupos principais: os do grupo piridino-fenantreno como a morfina e a codeína e os do grupo isoquinolínico, a exemplo da papaverina e noscapina. Além destes, são encontrados a tebaína e alcalóides-traço como meconina, meconiasina, narceína, codamina, laudanina e a protopina (ver figura 2).

São encontrados no ópio, ainda, mucilagens, ceras, açúcares e pequenas quantidades de sais de cálcio e magnésio.

A presença de taninos, ácido oxálico e ácidos graxos indica adulteração. No ópio de boa qualidade a umidade não deve ultrapassar 12,5%.

Veja também Efeitos dos Opiáceos

Referências Bibliográficas:

- BOOTH, M. Opium - A History. St. Martin's Press. New York, 1998.
GORDON, N. O Físico. Tradução: Aulyde Soares Rodrigues. Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 2000.
PATRICK, G.L. An Introduction to Medicinal Chemistry - 2ª- edição. Oxford University Press, 2001.
ROBBERS, J. E. SPEEDIE, M.K. TYLER, V. E. Farmacognosia e Biotecnologia. Editora Premier. 1997.
SILVA, P. Farmacologia. 5ª- edição. Ed. Guanabara-Koogan, Rio de Janeiro-RJ, 1998.

Fotos:

<http://www.imagebank.com>
<http://www.psiconautas.com>